

## APRESENTAÇÃO

PABLO QUINTERO<sup>1</sup>

EDITOR

<http://orcid.org/0000-0003-4111-9895>

---

Este novo número da revista *Espaço Ameríndio*, o terceiro e último de 2021, apresenta um total de 14 textos originais, produto do trabalho de autoras/es de diversas instituições e regiões diferentes do Brasil e do estrangeiro. Continuando a tendência deste novo momento da revista, este número também contém vários artigos de autoria e coautoria de intelectuais indígenas – Mura, Macuxi e Kubeo –, a quem agradecemos a confiança e o interesse por nossa revista. Da mesma forma, os artigos contidos neste número continuam expandindo e aprofundando as ferramentas para a compreensão política e epistemológica das populações indígenas do Brasil, com textos sobre as populações Kaingang, Kayapó, Kubeo, Mbya-Guaraní, Suruí, Tenetehar-Tembé e Xucurá no Brasil, mas também dos grupos Warao (Venezuela e Brasil), Kichwas e Waoranis (Equador).

Tal como no número anterior, gostaríamos mais uma vez de chamar a atenção para outro fato que tem caracterizado a atual gestão da revista, a saber, o equilíbrio de gênero. Dentro dos últimos números da *Espaço Ameríndio* o número de autoras (dezenove no total) supera significativamente ao de autores (sete). Mais uma vez estamos orgulhosas/os da consolidação desta tendência em nossa publicação.

Antes de apresentar os textos que compõem o espaço aberto deste número da revista, é necessário agradecer a todas/os as/os autores que submeteram seus artigos a este número, assim como as/os pareceristas que doaram seu tempo para avaliar os textos. Agradecemos também, com afeto, à equipe que tornou possível este número. Começando pelo trabalho editorial de Guilherme Sant´Ana na revisão e diagramação dos textos, seguido pelo trabalho na gerência de comunicação de Augusto Leal de Britto Velho e, novamente, a confecção da capa por Jessica Nunes da Silva a partir de uma bela fotografia amavelmente cedida pelo fotógrafo Pataxó Merong Kamakã – a quem também agradecemos imensamente – e que retrata a liderança Kaingang Nilda Kengrimu Nascimento junto da Kuja Iracema Ga Rã Nascimento e outras crianças Kaingang da retomada Konhun Mág em Canela/RS.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, e Coordenador do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). E-mail: [pablo.quintero@ufrgs.br](mailto:pablo.quintero@ufrgs.br)

A Dona Nilda, guerreira de centenas de lutas durante toda sua vida faleceu no passado mês de novembro deste ano, em decorrência de Covid-19. Mesmo tendo recebido as duas doses da vacina a nossa saudosa Nilda contraiu o vírus no enterro do seu sobrinho-neto na Terra Indígena Serrinha e, lamentavelmente, somou-se às vítimas da pandemia global. Compete uma vez mais chamar a atenção para a flagrante negligência do governo brasileiro, que tão pouco tem feito para proteger a saúde da população indígena no meio desse contexto. Com profundo pesar, a Equipe Editorial e o Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais manifestam seus sentimentos pela morte da Dona Nilda. Assim, por intermédio desta capa, apesar do momento de luta, gostaríamos de celebrar sua vida e homenagear sua memória.

\* \* \*

Abrindo a seção de artigos o trabalho de Randra Kevelyn Barbosa Barros intitulado *Poéticas visuais de uma Guarani: transformações e cuidados com o corpo feminino*, representa uma aproximação à notável obra da artista visual e professora Guarani Gennis Timoteo, que, situada em sua comunidade no Estado de Santa Catarina, tem se encarregado de produzir uma profunda e extensa obra pictórica relativa à cosmologia Guarani. Desta forma, o artigo foca sua interpretação analítica nas representações das mulheres Guarani dentro das dinâmicas transformacionais dos corpos e a relação de tais representações e processos com as dinâmicas de cuidado comunitário e saúde comunal.

No texto seguinte, *Saúde, doença e predação na cosmopolítica da gestação, do parto e do pós-parto entre as mulheres Tenetehar-Tembé da Terra Indígena do Alto Rio Guamá-Pará*, de Vanderlúcia da Silva Ponte, encontramos uma análise etnológica a partir do material etnográfico coletado pela autora nas aldeias Tenetehar-Tembé da bacia dos rios Guamá e Gurupi. O objetivo do artigo é apresentar e refletir sobre as dinâmicas de saúde/doença e sua relação com o processo de gestação, parto e pós-parto dentro da cosmologia e da cosmopolítica da população Tenetehar-Tembé. Neste sentido, o artigo se interessa pela diferenciação interétnica das doenças feitas pela população indígena –colocando em primeiro plano a atuação dos espíritos animais femininos (*Karuwaras*) – e pelas diversas estratégias para tratamento e cura que implicam práticas tradicionais e locais, mas também o atendimento no Subsistema de Atenção à Saúde Indígena.

Alterando o foco para a educação intercultural, o artigo de Bernard Guedes Dariva e Cláudia Battestin, intitulado *Licenciatura Intercultural Indígena: uma experiência docente em terras Kaingang*, explora o processo de constituição da licenciatura intercultural indígena no curso de matemática e ciências da natureza (especialmente a formação em ciências biológicas) na Universidade Comunitária da Região de Chapecó. O texto historiciza e contextualiza a formação do problema colonial no Brasil e na educação indígena e caracteriza a recente experiência da

referida universidade. É um trabalho que, sem dúvida, levanta reflexões importantes que precisam ser consideradas para implementação bem sucedida de novas licenciaturas multiculturais.

Em *Estratégias de apropriação territorial na cultura tradicional dos indígenas Suruí em Rondônia em tempos de Covid-19*, de Giovana Goretti de Feijó de Almeida e Edson Modesto de Araujo Junior, encontramos uma exploração sociológica sobre as dinâmicas de recuperação e reapropriação territorial utilizadas pela população Suruí no Estado de Rondônia no contexto da pandemia de Covid-19. Embora seja um texto majoritariamente descritivo, o trabalho é útil para introduzir a temática e a população Suruí da qual não abundam análises nem informações.

No artigo seguinte, escrito em coautoria por Vanessa de Castro Rosa e Marina Dias Maschio e batizado como *A propriedade comunal a partir do caso Xucuru da Corte Interamericana de Direitos Humanos*, as autoras analisam a natureza e os fundamentos jurídicos da propriedade comunal da terra do povo Xucuru diante da condenação que o Estado brasileiro sofreu em 2018 pela violação dos Direitos Humanos do povo Xucuru, por parte da Corte Interamericana de Direitos Humanos. O texto representa não só um importante trabalho analítico cimentado nas ciências jurídicas e na própria antropologia jurídica, mas, também, um importante exemplo das possibilidades, para os povos indígenas do país, abertas pela importante instância jurídica internacional.

O artigo *Os Kayapó e o ambientalismo: lutas pela terra em São Félix do Xingu-PA (1970-2000)*, de José Roberto Porto de Andrade Júnior, é um interessante trabalho de antropologia (ou sociologia histórica, como prefere o autor) que se decanta pela análise minuciosa de documentação histórica para reconstruir o processo relacional e complexo do movimento político Kayapó e suas reivindicações e lutas pela terra em São Félix do Xingu, frente a diversos atores e agentes sociais e estatais. A partir da reconstrução histórica dos principais acontecimentos deste processo, o autor propõe uma periodização para entender três décadas que, não isenta de conflitos, levaram à construção do “ambientalismo positivo” dos Kayapó.

Com foco em outros grupos indígenas e em outras geografias, o texto seguinte, de Janete Schubert, *As cosmovisões dos povos indígenas Kichwas e Waoranis, o Buen Vivir e a iniciativa Yasuni-ITT no Equador*, está baseado na pesquisa etnográfica que a autora desenvolveu na Amazônia equatoriana. O artigo explora com profundidade as contraposições e os antagonismos entre as perspectivas subjetivas dos grupos étnicos Kichwa e Waoranis diante do projeto de desenvolvimento de hidrocarbonetos conhecido como Yasuni-ITT. O interessante texto revisa tanto as políticas desenvolvimentistas do Estado equatoriano quanto as formas de subjetivação social do movimento indígena associadas aos discursos sobre o “Buen Vivir”.

O último artigo desta seção, denominado *Entre o abandono e a tutela: os Warao e a rede de Assistência Social em Porto Alegre*, de Clémentine Maréchal, Augusto Leal de Britto Velho e Milena Weber Rodrigues, representa uma excelente análise das relações entre a população Warao residente em Porto Alegre as agências públicas e

privadas de assistencialismo social. Partindo de um trabalho colaborativo extenso com a população Warao desde sua chegada na capital gaúcha, o artigo analisa de forma minuciosa as dinâmicas ambíguas, e deliberadamente precárias do “assistencialismo social” em Porto Alegre, que – como bem sinaliza o título do trabalho – parecem oscilar perigosamente entre a omissão de responsabilidades e grave violação de Direitos Humanos.

*Dinâmicas de reprodução social das mulheres Warao em Manaus/AM*, de Elis Alberta Ribeiro dos Santos e Pablo Quintero, abre a seção Autoras Indígenas. Baseado na dissertação de mestrado de antropóloga indígena Mura, este artigo guarda estreita relação com o trabalho que encerra a seção anterior não só por se basear em uma pesquisa de campo com a população Warao (desta vez em Manaus) senão, também, por se interessar na análise das difíceis relações interétnicas e com o Estado brasileiro que o grupo étnico originário da Venezuela mantém. O texto interessa-se, especificamente, em caracterizar o conjunto de práticas socioeconômicas desenvolvidas pelas mulheres Warao na capital do Estado de Amazonas e a importância central delas para a reprodução da vida e sobrevivência da população Warao tanto no Brasil quanto na Venezuela.

Dando prosseguimento a esta seção, temos *Educação, memória e resistência na literatura indígena brasileira contemporânea*, texto em coautoria de Julie Dorrico, Leno Francisco Danner e Fernando Danner, colaboradores assíduos da *Espaço Ameríndio*. Trata-se de uma importante contribuição que continua e expande trabalhos anteriores destes autores, a saber, a produção e difusão da literatura indígena no Brasil e suas potencialidades epistemológicas e políticas. No caso particular do presente trabalho, os autores abordam – por meio do exercício da crítica cultural – as contribuições da literatura indígena através do campo da educação, interessando-se por demonstrar como a penetração destas produções nos planos de ensino da educação formal a nível nacional representa a agencialidade do movimento indígena e seu ativismo político-cultural.

Encerrando a seção de autoras indígenas, o texto *Literatura infantil indígena: Kubai, o encantado*, de autoria conjunta entre Raquel Ramos, Claudia Rodrigues de Freitas, Mauren Lucia Tezzari e Jeruza Santos Nobre, tem como base a pesquisa de mestrado da primeira autora. O artigo apresenta a história “Kubai, o encantado” que, compondo a profusa tradição da mitologia Kubeo, permite adentrar na configuração da literatura infantil indígena de modo mais amplo, destacando sua contribuição analítica por intermédio do processo de contextualização da narrativa em questão.

No interior da seção Ensaio Bibliográfico, este número da *Espaço Ameríndio*, contém o trabalho de Carlos Eduardo Bao, Elizabeth Farias da Silva e Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro intitulado *Matizes da interculturalidade: contribuição a uma reflexão crítica sobre educação escolar e ensino superior para povos originários no Brasil*. Trata-se de um ensaio amparado por uma cuidadosa pesquisa bibliográfica que compara a educação escolar indígena brasileira com o ensino superior intercultural

indígena, tendo como foco as categorias diferenças de interculturalidade funcional e interculturalidade crítica. Em um momento onde as constrições políticas e as dinâmicas rotineiras do trabalho acadêmico se juntam, estranhamente, para favorecer a repetição e a falta de produção crítica, um ensaio como este representa uma significativa contribuição.

O atual número encerra-se com a publicação de três importantes resenhas. A primeira, de Werlaine Miranda Oliveira, *O retorno da terra: as retomadas da aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, Sul da Bahia* alicerça-se no recente livro homônimo da antropóloga Daniela Fernandes Alarcon. Na sequência, a resenha *Etnicidade nos Pampas: a identidade social do gaúcho*, escrita por Julia Landgraf, discute a tese de doutorado da antropóloga, apenas recentemente vertida para o português, Ondina Fachel Leal intitulada *Os gaúchos: cultura e identidade masculinas no Pampa*. E, finalmente, a resenha de Jéssica Nunes da Silva, *A natureza e o capital em contradição: ecologia e crítica ao capitalismo em “O ecosocialismo de Karl Marx”*, aborda o recente livro do filósofo japonês Kohei Saito.

Como sempre, desejamos uma proveitosa leitura dos textos, ainda com a esperança de que possam contribuir à reflexão epistemológica e política profunda e superadora.